



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

RELATÓRIO

DOCUMENTÁRIO JORNALÍSTICO: TRANSVIVÊNCIA

THIAGO RODRIGUES SILVA FELIX

JOÃO PESSOA

2023

THIAGO RODRIGUES SILVA FELIX

DOCUMENTÁRIO JORNALÍSTICO: TRANSVIVÊNCIA

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Dra. Fabiana Cardoso de Siqueira

JOÃO PESSOA

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F316d Felix, Thiago Rodrigues Silva.

Documentário jornalístico: transvivência / Thiago Rodrigues Silva Felix. - João Pessoa, 2023.

51 f. : il.

Orientação: Fabiana Cardoso de Siqueira.

TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo - TCC. 2. Documentário jornalístico.
3. Telejornalismo. 4. Transfobia. 5. Processo transexualizador. I. Siqueira, Fabiana Cardoso de. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 070(043.2)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

ATA DE APROVAÇÃO

Este trabalho foi submetido à avaliação da Banca Examinadora composta pelos professores abaixo relacionados, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

Aluno(a): Thiago Rodrigues Silva Felix

Título do trabalho: Documentário jornalístico: Transvivência

Aprovado em 07 de novembro de 2023, com média 30,0

BANCA EXAMINADORA

Professora orientadora: Fabiana Cardoso de Siqueira

Universidade Federal da Paraíba

Departamento de Jornalismo

Assinatura: _____

Professora examinadora: Glória de Lourdes Freire Rabay

Universidade Federal da Paraíba

Departamento de Jornalismo

Assinatura: _____

Professora examinadora: Patrícia Monteiro Cruz Mendes

Universidade Federal da Paraíba

Departamento de Jornalismo

Assinatura: _____

Assinatura: Patrícia Monteiro Cruz Mendes

Dedico à Thaina Pereira, minha mãe e minha maior incentivadora; ao meu pai, Israel Félix, que sempre foi meu porto seguro; e a minha amada avó, Nancy Pereira Costa, que nunca deixou de acreditar em mim.

AGRADECIMENTOS

Depois de tantas situações, dificuldades e desafios, fico grato por ter conseguido chegar até este momento tão significativo em minha jornada acadêmica. Quero expressar minha sincera gratidão a todas as pessoas que me apoiaram e incentivaram ao longo desse processo desafiador.

Agradeço à minha mãe, que sempre foi minha maior torcedora, vibrando a cada conquista e me apoiando incondicionalmente. Ao meu pai, que sempre foi a voz da minha consciência, e a pessoa que me aconselhou em cada momento crítico.

A minha querida avó Nancy, que infelizmente nos deixou durante esse processo, mas que eu sei que continua junto a mim, comemorando esse momento, como sempre fez em todas as etapas da minha vida.

A toda minha família, em especial meus irmãos, Thais, Thamyres e Thalís, sei que nossa ligação é inquebrável. Aos meus amigos Levi Alves e Carol Cassoli, que compartilharam comigo esta jornada, vivenciando de perto os altos e baixos. Amizades que levarei para a vida toda.

Quero estender meus agradecimentos à minha professora orientadora, Fabiana Siqueira, que foi paciente e gentil, compreendeu e abraçou minha ideia desde o início.

Aos professores Carlos Azevêdo, Patrícia Monteiro e Sandra Raquew, agradeço pelas valiosas contribuições e partilhas que enriqueceram minha formação acadêmica.

Por fim, agradeço a todos os jornalistas com quem tive a oportunidade de conviver e aprender ao longo da prática jornalística. Suas experiências e conhecimentos foram fundamentais para meu crescimento profissional e acadêmico.

“Não há nada mais trágico neste mundo do que saber o que é certo e não fazê-lo. Que tal mudarmos o mundo começando por nós mesmos?” - Martin Luther King Jr.

RESUMO

Este relatório de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi elaborado a partir do documentário jornalístico “Transvivência”. O produto audiovisual foi produzido a partir da jornada de um homem trans, Dante, enquanto ele se preparava para uma cirurgia de mastectomia masculinizadora e os desdobramentos após o procedimento. O objetivo deste trabalho foi realizar um documentário sobre como funciona o processo transexualizador e os desafios enfrentados pela população trans no acesso ao mesmo dentro do Sistema Único de Saúde (SUS). De início, este relatório traz uma contextualização sobre ataques ao processo transexualizador, bem como o detalhamento de todo o processo de transição de gênero disponível na rede pública de saúde, além das discussões sobre mídia, preconceito e transexualidade. Trata ainda sobre o referencial teórico envolvendo o documentário. São descritas também as etapas do desenvolvimento do conteúdo audiovisual. O produto traz um olhar mais interno sobre a vivência trans na Paraíba, demonstrando também como a transfobia está intrínseca na sociedade. Sob essa perspectiva, este documentário é um registro significativo da realidade vivenciada pela população trans na busca pelo seu direito à saúde. O produto final tem dezesseis minutos e vinte e sete segundos e está disponível através do link: <https://youtu.be/Ai2GkMeDzJ0>

Palavras-chave: documentário jornalístico; telejornalismo; transfobia; processo transexualizador.

ABSTRACT

This report on the course completion project was based on the journalistic documentary "Transvivência". The audiovisual product was produced based on the journey of a trans man, Dante, as he prepared for a masculinizing mastectomy surgery and the aftermath of the procedure. The aim of this work was to make a documentary about how the transsexualization process works and the challenges faced by the trans population in accessing it within the Unified Health System (SUS). To begin with, this report provides a contextualization of attacks on the transsexualizing process, as well as details of the entire gender transition process available in the public health network, in addition to discussions on the media, prejudice and transsexuality. It also deals with the theoretical framework surrounding the documentary. The stages in the development of the audiovisual content are also described. The product takes a closer look at the trans experience in Paraíba, also showing how transphobia is intrinsic in society. From this perspective, this documentary is a significant record of the reality faced by the trans population in the search for their right to health. The final product is sixteen minutes and twenty seven seconds long and is available via the link: <https://youtu.be/Ai2GkMeDzJ0>

Keywords: journalistic documentary; telejournalism; transphobia; transsexualizing process.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 TRANSFOBIA E O PROCESSO TRANSEXUALIZADOR.....	12
2.1 Processo transexualizador.....	14
2.2 Mídia e transexualidade.....	16
3 O DOCUMENTÁRIO JORNALÍSTICO.....	19
3.1 Fronteira entre documentário e grande reportagem.....	19
3.1 Tipos de documentário e seus modos de produção.....	20
4 A ELABORAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO.....	23
4.1 Pré-produção.....	23
4.1 Produção.....	25
4.3 Pós-Produção.....	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34
APÊNDICE A.....	36
APÊNDICE B.....	39
APÊNDICE C.....	40

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é mundialmente conhecido por sua diversidade cultural e história rica, mas enfrenta há muito tempo uma triste realidade no que diz respeito aos direitos das pessoas trans e travestis. De acordo com um relatório recente da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra)¹, somos, pelo décimo quarto ano consecutivo, o país com o maior número de assassinatos de pessoas trans no mundo. Em 2022, 131 vidas foram perdidas para a violência, sendo Pernambuco o estado mais perigoso para essa população, registrando 13 desses crimes.

Essa realidade escancara a necessidade crítica de abordar a transfobia² de maneira abrangente no Brasil, bem como de defender o acesso ao processo transexualizador dentro do Sistema Único de Saúde (SUS), que foi amplamente atacado e questionado durante o governo Bolsonaro, mas que é uma das únicas portas de entrada seguras para aqueles que buscam se adequar ao gênero no qual se identificam.

A proposta deste trabalho, de realizar um documentário jornalístico audiovisual, veio através da convivência e relatos de pessoas próximas, que afirmam se sentir inseguras, acudadas e relutantes em buscar o processo transexualizador por transfobia de familiares, amigos e profissionais da saúde.

Com isso foi possível perceber como o preconceito e a discriminação estão intrínsecos na sociedade, ainda que de forma silenciosa e velada, e influencia negativamente as pessoas que não se identificam com a heteronormatividade de gênero, majoritariamente tratada como “normalidade”, e buscam sua verdadeira identidade.

É perceptível que o despreparo e a falta de informações sobre a transexualidade alimentam exponencialmente discursos transfóbicos amplamente divulgados entre grupos políticos conservadores, que detém grande poder de comunicação de rádio e televisão. A partir desses ataques a transfobia tem ganhado visibilidade e importância

¹ A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) é uma organização brasileira que desempenha um papel fundamental na defesa dos direitos e na promoção da visibilidade da comunidade trans e travesti no Brasil. Seu relatório anual destaca as preocupantes estatísticas de violência contra pessoas trans e travestis no país, ressaltando a necessidade urgente de ações para combater essa problemática. Dados disponíveis em: <<https://antrabrasil.org/assassinatos/>>. Acesso em 31 de agosto de 2023.

² Termo que se refere ao ódio patológico direcionado aos transexuais, às pessoas que não se identificam com o seu gênero de nascimento, esse ódio pode ser manifestado pela violência física ou verbal contra essas pessoas. Fonte: Dicio. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/transfobia/>>

em contextos acadêmicos e sociais, principalmente, se tratando de violações de direitos humanos e violências de gênero vivenciadas por pessoas trans nos mais diversos âmbitos sociais. Dessa forma, este trabalho se propôs a mostrar a importância do processo transexualizador e contextualizar as dificuldades enfrentadas pela população trans, partindo da gênese da mudança, que é o processo transexualizador, que é oferecido gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

A princípio, a ideia era criar uma reportagem impactante, mas à medida que mergulhei mais fundo na pesquisa e me envolvi nas filmagens, ficou claro que eu tinha algo maior em mãos. O produto audiovisual foi produzido a partir da jornada de um homem trans, Dante, enquanto ele se preparava para uma cirurgia de mastectomia masculinizadora e os desdobramentos após o procedimento. A história que estava descobrindo era necessária e complexa e seria importante abordá-la de forma mais sensível e humana. Foi nesse momento que percebi que o formato mais apropriado para contar essa história seria um documentário. Essa mudança de rumo me permitiu explorar novas nuances, detalhes e camadas dessa história, proporcionando uma ponto de vista mais interno para quem for assisti-lo.

É esperado que com os relatos e as vivências mostrados neste documentário, seja possível contribuir para que a voz da população trans paraibana alcance as diversas plataformas de comunicação, evidenciando desde sua busca por espaços, reconhecimento e respeito por sua identidade de gênero, além de enfatizar também o papel dos profissionais de saúde no processo transexualizador, retratando as barreiras e resistências encontradas por pessoas trans na busca por serviços de saúde no estado.

No segundo capítulo deste trabalho, trago uma breve contextualização sobre o cenário atual de ataques e transfobia em relação ao processo transexualizador. Detalho quais são os procedimentos envolvidos no processo de mudança de gênero e discuto o papel do SUS na promoção dessas mudanças.

No terceiro capítulo, trago os conceitos de documentário jornalístico, que é o produto final deste trabalho, analisando como esse formato pode ser uma ferramenta poderosa para dar voz às experiências e desafios das pessoas trans e travestis. Explico também as características do documentário fruto deste trabalho e como ele pode ser utilizado para conscientizar o público sobre questões relacionadas à identidade de gênero e à transfobia.

O relatório de como foi desenvolvido o produto final deste trabalho se encontra no quarto capítulo, no qual descrevo o processo de pré-produção, produção e pós-produção, passando pela captação, edição e finalização de todo o material gravado. E por último, apresento as considerações finais, onde sugiro novos trabalhos que podem ser realizados a partir do estudo que foi base para este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

2 TRANSFOBIA E O PROCESSO TRANSEXUALIZADOR

O cenário político recente do Brasil deixou uma herança significativa de retrocessos em debates relacionados a gênero, saúde pública e direitos humanos. Uma das pautas em evidência foi a criminalização de pessoas travestis e transexuais por apoiadores da “extrema-direita”, que esteve no poder durante os anos de 2019 a 2022, inflamando o ódio e disseminando notícias falsas, principalmente sobre o processo de transexualização.

Um dos eventos mais emblemáticos desse período foi o pronunciamento da então ministra Damares Alves. Em 2 de janeiro de 2019, no seu primeiro dia à frente do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, ela proclamou: "Atenção! Atenção! Uma nova era se inicia no Brasil: meninos vestem azul e meninas vestem rosa."³. Essa declaração ganhou notoriedade e sinalizou o início de uma série de outras declarações antitrans que ecoavam a postura do governo federal naquele momento.

O impacto desse período histórico ainda se faz sentir na atualidade, manifestando-se tanto na proliferação de projetos de lei antitrans apresentados em níveis federal, estadual e municipal, que, de acordo com um levantamento do jornal Folha de São Paulo de janeiro até março de 2023, totalizavam 69 propostas⁴, como na luta pela restauração de programas e projetos que assegurem à comunidade trans seu legítimo direito ao processo de transexualização.

Segundo Sérgio Araújo, gerente de operações do Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais, localizado no anexo do Hospital Clementino Fraga⁵, em João Pessoa, em entrevista para este TCC, no período de 2019 a 2022, o ambulatório enfrentou substanciais dificuldades em recursos, resultando na redução do número de

³ Disponível em

<<https://oglobo.globo.com/brasil/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024>>

⁴ O levantamento realizado pelo jornal Folha de São Paulo, referido neste texto, consiste na análise e registro das propostas de projetos de lei antitrans apresentados em diferentes esferas do governo brasileiro até março de 2023. Esse levantamento documenta a extensão do cenário político relacionado aos direitos da comunidade trans e fornece informações valiosas sobre as tendências legislativas e as pressões políticas enfrentadas por essa comunidade. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2023/03/brasil-tem-um-novo-projeto-de-lei-antitrans-por-dia-e-efeito-nikolas-preocupa.shtml?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=newsfolha>

⁵ O Complexo de Doenças Infectocontagiosas Dr. Clementino Fraga é um hospital de médio porte que atua como referência estadual no atendimento a pacientes vítimas de acidentes com exposição a material biológico relacionado ao trabalho. Fica localizado na R. Estér Borges Bastos, no bairro de Jaguaribe.

procedimentos realizados. Isso teve um impacto significativo no funcionamento do ambulatório, que desempenha um papel crucial ao fornecer serviços de transição de gênero dentro do sistema público de saúde estadual.

De acordo com a resolução nº 1.652/2002 do Conselho Federal de Medicina (CFM), transexualidade é uma condição na qual uma pessoa experimenta uma desconexão entre seu gênero biológico e identidade de gênero (Brasil, 2002). A fim de viver em conformidade com sua identidade de gênero, a população transgênero tem direito ao processo transexualizador, para que através de terapias hormonais ou cirurgias de redesignação sexual, seus corpos ganhem características físicas com as quais o gênero que se identifica (Jesus, 2012). No entanto, esse processo é alvo frequente de inúmeros ataques, principalmente no que tange ao oferecimento de procedimentos voltados à população trans no Sistema Único de Saúde (SUS).

Hoje, o SUS oferece um rol de procedimentos necessários para que a população trans possa passar pelo processo transexualizador de forma segura, acompanhada por médicos especialistas, e contínua, assim como qualquer outro tratamento oferecido pelo sistema. Mas esse direito, que foi garantido através da Portaria nº 457, de 19 de agosto de 2008, ainda não parece ser o suficiente para uma parte da sociedade, que ataca e questiona o direito de acesso à saúde para essas pessoas, reproduzindo um discurso transfóbico e que reduz a população transexual a um ambiente de marginalização social, diminuindo ainda mais a busca e permanecimento desses indivíduos nos tratamentos oferecidos na rede pública de saúde, como afirma Rocon (2019):

Essa realidade tem contribuído para quadros de adoecimento e morte da população trans, na medida que dificulta o acesso aos serviços públicos de saúde [...] bem como produz resistência nessa população em buscar assistência à saúde quando necessário, podendo ocasionar inclusive o abandono de tratamentos em andamento (Rocon et al, 2019, p. 6)

Berenice Bento, em seu livro “O que é transexualidade”, aborda o conflito de gênero, caracterizado pelo binarismo dos corpos sexuais e que tratam a genitália como determinante individual de gênero, para entender o porquê dos corpos transexuais serem alvo de contínuo preconceito (Bento, 2008).

É nesse regime determinista binário de gênero que surgem a discriminação e exclusão social que acompanham a vivência trans, permeada por ridicularização da imagem da pessoa trans e negação de seus direitos, que “são também caracterizadas

como violência, porém invisibilizadas – e naturalizadas – para o funcionamento da norma de gênero no nível da transfobia” (Podestà, 2019, p. 369).

A partir dessa ótica, o documentário produto deste TCC visa demonstrar o quanto o acesso à saúde e ao processo transexualizador é importante para a comunidade trans, assunto que muitas vezes não é discutido ou é tratado de forma inadequada na sociedade. Além de explorar como as consequências desse silenciamento reverberam na forma como pessoas trans acessam, permanecem ou desistem dos serviços de saúde integral oferecidos pelo SUS no estado da Paraíba.

2.1 Processo transexualizador

O processo transexualizador é caracterizado por uma série de procedimentos médicos e psicológicos que tem como objetivo dar às pessoas transexuais um corpo coerente entre sua identidade psicológica e identidade de gênero. Esse processo é regulamentado e oferecido pelo SUS desde 2008, por meio da Portaria nº 1.707/2008⁶, que estabeleceu os critérios de atendimento a essa população (Brasil, 2008).

De acordo com as diretrizes estabelecidas pela Portaria Nº 2.803 de 19 de novembro de 2013⁷, que ampliou e definiu uma série de novos procedimentos e medicamentos a serem oferecidos pelo SUS no processo transexualizador, o usuário deve passar por três fases; sendo a primeira composta por uma avaliação psicológica, que tem como objetivo definir o grau de desconforto do indivíduo em relação ao seu sexo biológico.

Na segunda fase entra a terapia hormonal, que “consiste na utilização de terapia medicamentosa hormonal disponibilizada mensalmente para ser iniciada após o diagnóstico no Processo Transexualizador (estrógeno ou testosterona)” (Brasil, 2013). E por fim, o encaminhamento para as cirurgias de redesignação sexual/genital.

Durante todo o processo o usuário conta com o acompanhamento por uma equipe multidisciplinar, que envolve médicos psiquiatras, clínicos, endocrinologistas, psicólogos, enfermeiros e assistentes sociais. Estes profissionais são quem avaliam e encaminham o usuário para as instituições de saúde habilitadas pelo Ministério da

⁶ O texto Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), o Processo Transexualizador, a ser implantado nas unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão. Porém, foi revogado a partir da publicação da Portaria Nº 2.803, de 19 de abril de 2013. Disponível em <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt1707_18_08_2008.html>

⁷ Texto vigente que redefiniu e ampliou o Processo Transexualizador no SUS. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html>

Saúde, para que sejam feitas as cirurgias de acordo com a necessidade imediata e disponibilização de vagas para os procedimentos cirúrgicos estabelecidos pela Portaria nº 2.803:

Redesignação sexual no sexo masculino: Consiste na orquiectomia bilateral com amputação do pênis e neocolpoplastia (construção de neovagina); Tireoplastia: Consiste na cirurgia de redução do Pomo de Adão com vistas à feminilização da voz e/ou alongamento das cordas vocais no processo transexualizador; Mastectomia simples bilateral em usuária sob processo transexualizador: Procedimento cirúrgico que consiste na ressecção de ambas as mamas com reposicionamento do complexo aréolo mamilar; Histerectomia c/ anexectomia bilateral e colpectomia em usuárias sob processo transexualizador: Procedimento cirúrgico de ressecção do útero e ovários, com colpectomia; Plástica mamária reconstrutiva bilateral incluindo prótese mamária de silicone bilateral no processo transexualizador: Consiste em cirurgia Plástica mamária reconstrutiva bilateral complementar ao processo de redesignação sexual no sexo masculino no processo transexualizador, incluindo implante de prótese mamária de silicone bilateral (Brasil, 2013).

No entanto, a garantia por lei desses procedimentos não significam sua total oferta. Isso porque são escassos os equipamentos públicos de saúde habilitados para tal, a exemplo do estado objeto desta pesquisa, que conta apenas com dois hospitais devidamente preparados para a realização de alguns dos procedimentos acima citados, sendo eles a Maternidade Frei Damião, em João Pessoa, e o Hospital de Clínicas, Campina Grande, o que restringe o acesso ainda mais para indivíduos que residem distantes de grandes centros, como afirma Rocon et al. (2018):

[...] esta distribuição da oferta e dos estabelecimentos credenciados dificulta em muito o acesso da população trans, em especial a que constitui frações da classe trabalhadora menos abastadas, na medida em que tem regiões nas quais não há os serviços de saúde e, mesmo nas regiões onde há os hospitais habilitados, estes localizam-se todos nas regiões metropolitanas, com uma infraestrutura insuficiente para atender a totalidade das demandas e, geralmente, com uma única equipe multiprofissional para o atendimento ambulatorial e hospitalar. (Rocon et al., 2018, p. 445)

Por causa da escassez de acesso aos serviços de saúde especializados somado às condições socioeconômicas e as necessidade da população trans em adequar seu corpo ao seu gênero, muitos recorrem a procedimentos sem acompanhamento, automedicação de hormônios e cirurgias clandestinas para a aplicação de silicone industrial, o que pode desencadear graves problemas de saúde (Rocon et al., 2018, p. 436). Nesse contexto, a oferta de um serviço seguro e gratuito se torna fundamental para a saúde desta população.

2.2 Mídia e transexualidade

No Brasil, a visibilidade e aceitação das pessoas trans e travestis têm aumentado gradualmente, mas esse índice ainda está distante do aceitável, há desafios significativos a serem superados, incluindo a forma como a mídia aborda esse tema. A imprensa historicamente tem papel fundamental na construção e desconstrução da percepção pública acerca dessas identidades de gênero e na formação de opiniões sobre questões sociais, a exemplo do próprio processo transexualizador.

Porém, o cenário de violência ainda se perpetua como grande canal utilizado por comunicadores para citar as pessoas transgêneras. Em uma busca rápida por portais locais e nacionais de notícias é fácil encontrar publicações sobre violências sofridas por essa população, que por muitas vezes vem acompanhada de um viés de julgamento e uma narrativa rasa, se limitando apenas ao factual, o que não contribui para que esses crimes sejam repudiados, ao contrário, banaliza e normaliza essa violência. Um exemplo claro desse fenômeno é a matéria publicada sobre Dulce Maria⁸, uma mulher trans de 47 anos, que tragicamente perdeu a vida na Paraíba. A manchete se limita a anunciar mais uma morte de uma mulher trans, sem fornecer qualquer contexto ou informações adicionais que poderiam enriquecer a compreensão do público sobre o problema.

Esse tipo de representação recai no sensacionalismo e acaba por reforçar preconceitos e estigmas, indo em descontra com a função social do jornalismo (Vizeu, 2009). O apresentador pernambucano Sikeira Júnior é um dos atores que contribuem para o reforço desses estigmas, Foi inclusive processado por LGBTfobia ao se referir à população LGBTQIA+ como “raça desgraçada” na edição de vinte e cinco de junho de 2021⁹, em seu programa Alerta Nacional, exibido na Rede TV, na época.

Na publicidade, esse preconceito se manifesta por meio de boicotes, como foi o caso do ator Thammy Miranda, um homem trans que desempenhou um papel de destaque nas campanhas anuais de Dia dos Pais da Natura, uma conhecida marca nacional de perfumaria e cosméticos. Em 2020, durante sua primeira participação na publicidade da marca, uma campanha de boicote ganhou força nas redes sociais,

⁸ Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/mulher-trans-tiro-rosto-paraiba>>

⁹ Disponível em:

<<https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2021/06/4934433-raca-desgracada-apos-ofensa-a-gays-sikera-jr-perde-patrocios-e-se-defende.html>>

contando com o apoio do pastor evangélico Silas Malafaia¹⁰. Thammy Miranda tomou medidas legais, processando Silas Malafaia por crime de homofobia¹¹.

Comunicadores trans e travestis enfrentam também um triste cenário de ameaças e violências enquanto exercem suas profissões. Um exemplo é a experiência da jornalista baiana Alana Rocha, uma mulher trans que desbravou o campo como repórter pioneira em televisão aberta no Brasil. Em um episódio lamentável que ilustra a realidade enfrentada por profissionais como ela, em abril de 2023, Alana Rocha teve seu veículo apedrejado enquanto se encontrava nas proximidades da rádio onde desempenha suas funções, localizada no município de Riachão do Jacuípe, na Bahia¹². Fatos graves como este destacam também o caráter transfóbico do acesso ao mercado de trabalho, que no caso de Alana, recai sobre sua função enquanto jornalista.

O programa Profissão Repórter, da Rede Globo, já abordou essa dificuldade de pessoas trans e travestis em acessarem o mercado de trabalho. Em sua edição de 15 de março de 2022¹³, a equipe de reportagem mergulhou na batalha desses indivíduos em busca de oportunidades, destacando histórias como a de Gil Augusto, um homem trans que deixou a Paraíba em busca de melhores perspectivas de emprego em São Paulo. O programa também trouxe à tona questões como a prostituição e a exploração sexual, abordando o relato de profissionais do sexo que enfrentam a imposição de multas excessivas em seu ambiente de trabalho.

Dentro do âmbito acadêmico, o tema da discriminação voltada à comunidade trans tem sido explorado em Trabalhos de Conclusão de Curso. Um exemplo é a grande reportagem televisiva intitulada "Elxs só querem trabalhar"¹⁴ de 2018. O jornalista Jadson Falcão apresenta, em seu produto de TCC em Jornalismo pela UFPB, relatos impactantes de homens e mulheres trans que compartilham suas experiências

¹⁰ Disponível em:

<<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2020/07/silas-malafaia-pede-boicote-a-natura-por-acao-de-dia-dos-pais-thammy-fala-em-falsos-moralistas.shtml>>

¹¹ Em 13 de junho de 2019 o Supremo Tribunal Federal decidiu em plenário que a homofobia, crimes de ódio voltados à população LGBTQIA+, fossem enquadrados como crime de racismo. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-06/supremo-decide-criminalizar-homofobia-como-for-ma-de-racismo>>

¹² Disponível em:

<<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2023/04/5087552-carro-de-jornalista-transexual-e-apedreja-do-em-salvador-abraji-monitora-o-caso.html>>

¹³ Disponível em:

<<https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2022/03/16/profissao-reporter-mostra-a-batalha-travada-por-pessoas-trans-na-busca-por-uma-oportunidade-formal-de-emprego.ghtml>>

¹⁴ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=OR-nGc7snlk&ab_channel=JadsonFalc%C3%A3o>

de enfrentar preconceito e transfobia no contexto profissional. O trabalho destaca como a discriminação se estende também à imagem e identidade das pessoas trans, revelando a complexidade dessa questão (Falcão, 2018).

O contexto de acolhimento e aceitação familiar foi abordado na grande reportagem televisiva "Elxs não cabem mais no armário" , resultado do TCC em Jornalismo realizado por Lucas Campos e defendido em 2018, na UFPB. Em seu trabalho Lucas teve como objetivo contar histórias de vida de pessoas LGBTQs na Paraíba, ao mesmo tempo em que abordou a realidade da homofobia familiar e seu impacto emocional e social nas vidas dessas pessoas (Campos, 2018).

A transgeneridade ainda é pouco explorada na mídia e o processo transexualizador ainda enfrenta muita desinformação e desafios significativos, que alimentam o preconceito e a transfobia. No próximo capítulo, abordo os conceitos fundamentais do documentário e sua importância na discussão dessas questões, destacando como a mídia e a sociedade desempenham papéis cruciais na percepção e aceitação das identidades de gênero trans e travestis.

3 O DOCUMENTÁRIO JORNALÍSTICO

Produzir um documentário audiovisual é semelhante a produzir uma grande reportagem jornalística, no sentido de que ambos buscam contar histórias autênticas e impactantes. Entretanto, há diferenças na execução. Nesse sentido, compreender qual tipo de documentário se planeja gravar e todas as suas características é fundamental. Neste capítulo, busco explorar quais são as fronteiras entre os formatos, suas características e conceitos bem como a execução e tipo de documentário que se encaixa no produto deste TCC.

3.1 Fronteira entre documentário e grande reportagem

Dentro do campo jornalístico, o documentário já consolidou e vem ganhando ainda mais espaço por ter uma característica fundamental em comum com o jornalismo: a busca pela verdade e pela revelação de forma aprofundada. Ambos compartilham o compromisso com a representação precisa da realidade e a comunicação de informações relevantes ao público, como afirma De Melo (2002):

Essa é a principal característica que aproxima o documentário da prática jornalística. As informações obtidas por meio do documentário ou da reportagem são tomadas como "lugar de revelação" e de acesso à verdade sobre determinado fato, lugar ou pessoa. Diferentemente, portanto, do filme de ficção, no qual aceitamos o jogo de faz-de-conta proposto pelo diretor, não tendo, assim, cabimento discutir questões de legitimidade ou autenticidade; ao nos depararmos com um documentário ou matéria jornalística, esperamos encontrar as explicações lógicas para determinado acontecimento. (De Melo, 2002, p. 28)

Com bases e objetivos parecidos fica, então, a pergunta: o que difere um documentário de uma reportagem especial, por exemplo? A resposta vem na forma como a história é contada. No documentário, as linguagens visuais e subjetivas podem se tornar protagonistas, além da possibilidade de se despir do discurso de neutralidade e imparcialidade, muito exigido ao repórter em suas reportagens, como afirma Spinelli (2012):

Um dos elementos-chaves que diferencia o documentário das reportagens telejornalísticas é o papel do repórter na constituição da informação. O repórter, como o próprio nome diz, é o núcleo fundamental da reportagem. Não existe reportagem sem repórter. Já no caso do documentário, pode até existir uma pessoa ou mais na condução da história, porém o modo como ela aparece no vídeo não precisa apresentar os

princípios de imparcialidade e objetividade jornalísticas. Diferente dos documentários em que a importância de um olhar reflexivo e autoral sobre determinados problemas da sociedade costuma ser o fio condutor de uma narrativa, que tem como meta uma maior conscientização e aprofundamento do que é mostrado, a reportagem prioriza a informação. (Spinelli, 2012, p. 3)

De Melo (2002) reforça também que o documentário é fortemente marcado pelo "olhar" do diretor sobre seu objeto. "O documentarista não precisa camuflar a sua própria subjetividade ao narrar um fato. Ele pode opinar, tomar partido, se expor, deixando claro para o espectador qual o ponto de vista que defende" (De Melo, 2002, p. 29). É nesta subjetividade que o documentário define sua identidade como formato jornalístico, indo mais além.

3.1 Tipos de documentário e seus modos de produção

De acordo com Nichols (2005) em "Introdução ao Documentário", os documentários são compostos por sequências de planos que abordam conceitos ou ideias organizadas, incorporando estruturas diversas, como problemas e soluções e narrativas com início e fim. Envolve ainda a focalização de crises, a ênfase em atmosfera ou estados de espírito, entre outras possibilidades, que podem ser executadas em seis tipos diferentes de documentários: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático (Nichols, 2005).

Nichols (2005) explica que o documentário poético possibilita formas alternativas de transferir informações, sacrificando uma ideia convencional de continuidade e envolvendo ritmos e formas. O documentário expositivo fala diretamente com o espectador, utilizando recursos como a "voz de Deus"¹⁵ e, ainda nos dias atuais possuem sua popularidade, sendo este um formato muito comum em documentários sobre a vida animal ou *reality shows*. Sua característica forte é o didatismo e a objetividade.

Em contraponto, Nichols (2005) apresenta o modo observativo, onde se propõe apenas observar atividades cotidianas de pessoas reais, a partir de uma câmera despercebida, filmando como se o cineasta estivesse ausente, apenas contemplando a realidade. Já no modo participativo, o documentário enfatiza o encontro real, vivido,

¹⁵ É um recurso típico dos documentários em que a narradora está ali para contar a sequência dos fatos sem estar ligada à cena. Fonte: Margô Filmes. Disponível em: <https://margofilmes.com.br/voz-over-voz-off-conheca-as-diferencas/#:~:text=A%20voz%20over%2C%20tamb%C3%A9m%20chamada,1989>

entre o documentarista e a situação, podendo ver e ouvir o cineasta, que faz perceber sua presença de forma interativa ou subjetiva com o tema e os personagens.

Nichols (2005) explica que, assim como o modo observativo, o modo reflexivo também trata do realismo, mas este desperta no espectador questionamentos acerca do que aquilo representa. E por último, o modo performático, que traz características experimentais e a relação de subjetividade e expressividade do cineasta com o tema.

Dentro dessas características apresentadas, o documentário “Transvivência” se encaixa com o modo participativo, onde o documentarista faz as entrevistas, questiona e tem seu olhar marcado pelos ângulos da câmera. Este documentário apresenta também elementos do modo observativo, onde trechos das cenas mostram a realidade acontecendo como se não houvesse ali uma câmera.

Estas características surgiram a partir do formato ao qual este trabalho se propõe, que é documentar de forma jornalística parte do processo ao qual o personagem atravessa ao realizar a cirurgia de mastectomia, que faz parte dos procedimentos de transição de gênero oferecidos pelo Ambulatório TT.

Documentários com essas características participativas e observativas podem conter elementos audiovisuais inerentes aos formatos jornalísticos, a exemplo de *off*¹⁶, sobre som¹⁷, sonora¹⁸, trilha e arte visual gráfica¹⁹ (Paternostro, 1999), e passam também pelas três etapas de produção, sendo elas pré-produção, produção e pós-produção (Zettel, 2011).

Na pré-produção são feitas pesquisas sobre o tema, planejamento, concepção e cronograma de execução do produto audiovisual que resultam em uma pauta, que é o roteiro dos temas que serão cobertos pelo jornalista (Paternostro, 1999). A segunda fase é a produção, que é a parte executiva, que inclui contato com fontes e personagens, equipamentos de gravação e captação de áudio e em tomadas externas, com deslocamento até o local de cada gravação.

Por último a pós-produção, envolve o processo de decupagem, onde todo o material gravado é assistido e transcrito para a elaboração do roteiro de edição, onde são silanizadas todas as indicações técnicas de áudio e vídeo, separando os trechos das entrevistas e imagens que devem compor a versão editada do documentário. O roteiro de edição detém todas as informações do processo de decupagem e serve

¹⁶ Texto gravado por um narrador e sobreposto por imagens.

¹⁷ Trecho de uma entrevista.

¹⁸ Marcação técnica que indica o momento de aumentar o volume do áudio.

¹⁹ Textos, gráficos ou tabelas usados sob o vídeo para ilustrar ou destacar informações.

como eixo central para que o produto seja finalizado, assim como pensou o documentarista. No próximo capítulo, relato como foi a execução de cada um dos processos para a realização do documentário “Transvivência”.

4 A ELABORAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

Neste capítulo, eu detalho as etapas de pré-produção, produção e pós-produção do documentário produto deste Trabalho de Conclusão de Curso, descrevendo como ocorreu o planejamento, a gravação e o processo de edição, pontuando ainda as dificuldades encontradas ao longo do processo.

4.1 Pré-produção

Durante o mês de janeiro de 2023, iniciei a pré-produção do documentário. O ponto de partida foi uma visita ao Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais, onde tive a oportunidade de conhecer o diretor, Sérgio Araújo. Nessa ocasião, a pauta em destaque era o Dia da Visibilidade Trans, celebrado em 29 de janeiro, e foi durante essa conversa que obtive uma percepção mais clara da maneira como a falta de acesso à informação e aos serviços de saúde afeta a população trans.

Foi também nesse mesmo mês que tive meu primeiro encontro com Dante, que depois acabou se transformando no personagem principal do documentário. Dante aguardava ansiosamente a cirurgia de mastectomia masculinizadora, um procedimento significativo que envolve a remoção completa das mamas. Esse encontro marcou o início de meu interesse pelo tema, especialmente ao compreender as dificuldades enfrentadas por mais de 350 homens trans assistidos pelo ambulatório, para os quais essa cirurgia representava a etapa final em direção à liberdade, antes simulada por meio de faixas de tecido que comprimiam o peito, conhecidas como *Binder*²⁰, usadas para diminuir o volume e formato das mamas femininas.

Antes de iniciar a elaboração da pauta e definir a delimitação do tema a ser abordado no documentário, embarquei em uma pesquisa aprofundada sobre o assunto. Meu objetivo era compreender completamente o contexto da saúde trans e as políticas públicas disponíveis, com foco no Rol de Procedimentos do Sistema Único de Saúde (SUS).

Durante esse período busquei ler e também assistir a outros materiais audiovisuais a respeito do tema. Encontrei reportagens e também documentários a

²⁰ Binder é qualquer peça de roupa ou de tecido que possa ser utilizada para minimizar ou alterar a aparência dos seios. Geralmente, o binder é usado para se alcançar uma aparência mais masculina ou andrógina. Fonte: Diversidades. Disponível em <<https://diversidades.fandom.com/pt-br/wiki/Binding>>

exemplo do “Transversais”²¹ e “Logo eu que nem era humana”²², que falam sobre o que é transfobia, os corpos transexuais e também as vivências de preconceito e dificuldade em acessar espaços, mas, me chamou a atenção que pouquíssimos conteúdos tratavam sobre o processo transexualizador, principalmente sob o acompanhamento e desenvolvimento do corpo durante essa mudança. Foi então que percebi que esse seria o caminho a ser seguido neste trabalho, mas ainda era uma ideia abstrata, isso porque em todo o estado da Paraíba as cirurgias do processo transexualizador não estavam acontecendo.

O início da produção, de fato, se deu no dia vinte de setembro de 2023, quando participei de uma reunião de extrema importância com Sérgio Araújo, que é o diretor do Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais, que fica no Hospital Clementino Fraga, em João Pessoa.

Eu já estava amadurecendo a ideia de um documentário com ele desde junho, quando ele me ligou avisando sobre o retorno dos procedimentos cirúrgicos no Ambulatório TT²³. Durante esse encontro, conduzi uma pré-entrevista com o intuito de esclarecer os possíveis rumos para a produção do documentário e debater as questões legais relacionadas à documentação do processo de um usuário que estava prestes a passar por uma cirurgia.

Na mesa de Sérgio tinha uma relação de 27 homens trans que estavam com cirurgias de mastectomia masculinizadoras agendadas para a realização até o mês de dezembro de 2023, e por coincidência, Dante seria o segundo a ser contemplado, isso porque ele possui uma deficiência no braço esquerdo adquirida por sequelas de um acidente de moto em 2016, e os usuários com algum tipo de deficiência seriam os primeiros. Além de Dante havia também Rafael, que é cadeirante e foi o primeiro a fazer a cirurgia, já naquele mesmo dia.

Como eu já tinha tido contato com Dante anteriormente, e também devido ao tempo que precisaria me preparar com equipamentos e deslocamento, optei por seguir com ele como personagem para o documentário.

²¹ "Transversais" é um filme documentário de produção nacional que narra as histórias de cinco indivíduos distintos, todos unidos por uma experiência em comum: de alguma maneira, tiveram suas vidas afetadas pela questão da transexualidade. Trailer disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wZsVPdFsaQc&ab_channel=F%C3%A3sdeCinema>

²² "Logo Eu que Nem Era Humana" é um curta-metragem documental que apresenta a vida de quatro mulheres trans na pequena comunidade de Paraisópolis em Minas Gerais. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J0c2Z9ykfjo&t=42s&ab_channel=YvesIgor>

²³ Ambulatório TT é uma abreviação usada para se referir ao Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais.

No dia seguinte, 21 de setembro, iniciei o contato direto com Dante por meio do aplicativo de troca de mensagens por celular e *web*, o *WhatsApp*. Esse foi o ponto de partida para uma série de conversas nas quais abordamos minuciosamente os detalhes do documentário e consolidamos nosso relacionamento como fonte e entrevistado, um elemento fundamental para garantir um registro autêntico da jornada de Dante.

A partir dessa conversa foi elaborada uma pauta (**Apêndice A**) na qual trago informações de cada um dos entrevistados que melhor se encaixam na narrativa, além de sugestões de perguntas que precisariam ser respondidas dentro do documentário.

No dia 26 de setembro, combinei com Dante de que o acompanharia, desde a saída de sua casa até o hospital para a internação, mas um dia antes ele me pediu que o esperasse já lá na Maternidade Frei Damião²⁴, onde seria feita a cirurgia, pois ele estava receoso sobre se sua família estaria confortável com a situação. Nesse mesmo dia peguei uma lente, microfone de lapela e tripé emprestados com a minha professora orientadora, Fabiana Siqueira, em sua sala, que fica na direção de centro do CCTA²⁵, para que eu pudesse garantir uma melhor qualidade do material captado.

4.1 Produção

No dia 27 de setembro de 2023, às 6h40 da manhã, eu me encontrei pessoalmente pela primeira vez para a gravação do TCC com Dante e com Rosa, que é a mãe dele. O encontro foi muito rápido, já que ele estava previsto para ser internado às sete horas da manhã. Nesse momento gravei sua chegada à Maternidade Frei Damião, bem como gravei uma breve entrevista com ambos, que estavam emocionados pela realização da cirurgia. Esse encontro proporcionou uma visão mais aprofundada da trajetória que o levava à cirurgia e o que aquilo representava para ele e sua família.

Dois dias depois, em 29 de setembro de 2023, Dante foi até o ambulatório para a renovação dos curativos pós-cirúrgicos. Quando cheguei ao ambulatório, Dante já estava em atendimento. Dante veio me cumprimentar 50 minutos depois e disse que estava disponível para a gravação. Acompanhar esse momento era um passo crucial

²⁴ A Maternidade Frei Damião é uma unidade de saúde, que fica localizada no centro de João Pessoa, Paraíba, onde todas as cirurgias do processo transexualizador são feitas, tanto das histerectomias quanto das mastectomias, como a de Dante.

²⁵ Centro de Comunicação Turismo e Artes, que fica localizado no Campus I da UFPB.

para documentar seu processo de recuperação. Lá, gravei entrevistas com ele e sua mãe, ainda dentro do consultório médico, único lugar que estava livre de ruídos externos. Esse foi o primeiro dia no qual percebi que fazer todas as gravações sozinho me trariam diversos desafios, o principal deles era encontrar um ângulo, foco e iluminação bons o suficiente que não compromettesse todo o material gravado, pois a entrevista feita com Dante neste dia apresentou um desfoque (distorção na nitidez da imagem) significativo no rosto do entrevistado.

No dia dois de outubro, retornei ao Hospital Clementino Fraga com o objetivo de realizar entrevista com o médico responsável pela cirurgia e também para acompanhar um novo dia de Dante na recuperação, principalmente gravando imagens de apoio, que naquele momento eu percebi que estavam repetitivas. No entanto, devido a contratempos imprevistos na agenda do médico responsável pela cirurgia, a gravação e entrevista com o mesmo teve que ser adiada.

Ainda no dia dois de outubro, durante a tarde, realizei uma entrevista com Gilberto Teodózio, diretor do Hospital Clementino Fraga. O objetivo era obter uma posição institucional sobre a operação do Ambulatório TT, que em mais de 10 anos realizou mais de 10 mil atendimentos, e atendia a uma população de 960 usuários mensais. A entrevista tinha sido agendada com bastante antecedência com a assessoria do hospital. No dia, esperei por quase 45 minutos até que o diretor estivesse livre para a entrevista, que durou pouco mais de 12 minutos.

No dia seguinte, já estava com entrevista agendada com a psicóloga do ambulatório, Maurília Guimarães (**Figura 1**), que me recebeu assim que cheguei, por volta do meio-dia. A entrevista foi acompanhada pela assessora do hospital, que me auxiliou no ajuste de foco da câmera, coisa que comecei a prestar ainda mais atenção após perceber que a última sonora que gravei com Dante ter ficado com o foco em um local diferente do que eu havia previamente calibrado.

Com a psicóloga pude ter um aprofundamento maior sobre o suporte psicológico oferecido à comunidade trans. Nesse mesmo dia, acompanhei Dante em sua visita para a retirada dos drenos da cirurgia, registrando mais um momento significativo em sua jornada e garantindo as primeiras imagens dele já livre dos drenos e podendo caminhar tranquilamente do jeito que ele sempre almejou. A gravação havia sido adiada no dia anterior, e dessa vez aconteceu dentro do consultório, onde pude acompanhar o atendimento de forma breve. Nessas gravações, o problema de foco ficou muito evidente. O mecanismo automático não estava travando o sensor em um

alvo, o que gerava contínuos movimentos para foco, então decidi assumir o foco manual, o que melhorou, mas ainda pouco para o que seria ideal. O médico mastologista que fez a cirurgia de Dante novamente teve problemas de agenda. Ele justificou dizendo que atendia em dois hospitais e estávamos no mês de mais trabalho para ele por conta do Outubro Rosa. Então, decidi que iria repercutir essas questões com o próprio Dante.

Figura 1 - Psicóloga Maurília Guimarães em entrevista a Thiago Félix.



Fonte: Lidiane Gonçalves/ASCOM

Nos dias seguintes comecei a revisar o material e a esboçar aquilo que seria um “esqueleto” da montagem do documentário, como é chamada a estrutura base de edição. Em reunião com a minha orientadora, no dia seis de outubro, apresentei uma parte do material captado. Na ocasião ela me recomendou a realização de algumas tomadas adicionais para suprir a falta de determinadas imagens essenciais para a narrativa do documentário, a exemplo da praia, local citado por Dante.

Em 11 de outubro, retornei pela quinta vez ao Hospital Clementino Fraga, desta vez para uma conversa com Sérgio Araújo, gerente do ambulatório TT. Aquele dia era também um dia de realização de cirurgia, cinco delas, sendo três mastectomias, assim como a de Dante, e duas histerectomias. Assim que cheguei ao ambulatório não encontrei Sérgio, esperei até que ele chegasse. Ele estava muito atarefado com as documentações das próximas cirurgias e também apreensivo sobre como as cirurgias do dia estavam indo.

Tivemos uma conversa de 19 minutos, onde busquei extrair dele um pouco de sua história a frente do ambulatório, já que ele está como gerente desde sua fundação, e como era a relação entre usuários e equipe, pois ao passar dos dias percebi que muitos deles criavam verdadeiros laços de amizade dentro da puxada rotina do processo transexualizador.

No dia 12 de outubro, um feriado, dirigi-me à praia de Cabo Branco logo ao amanhecer. Meu objetivo ali era captar imagens que pudessem ilustrar o desejo de Dante de ir à praia imediatamente após a cirurgia, algo que não foi possível devido à sua condição pós-operatória durante o período de filmagem. Nesse dia contei com a ajuda de um amigo, Levi Alves, que serviu de ator para a captação de imagens caminhando em direção ao mar.

O último dia de gravação ocorreu em 22 de outubro de 2023, quando visitei a residência de Dante, localizada no bairro do Valentina Figueiredo, em João Pessoa. Nesse encontro final, tive uma última conversa com Dante (**Figura 2**), na qual ele compartilhou sua experiência de recuperação e os episódios de transfobia que havia enfrentado após a divulgação de uma reportagem sobre sua cirurgia.

Figura 2 - Última entrevista de Dante para o documentário.



Fonte: elaboração própria

A publicação de um *release*²⁶ da Secretaria de Comunicação da Paraíba fez com que grandes portais de notícias divulgassem a foto de Dante junto a um texto que anunciava a realização dessas cirurgias. Comentários transfóbicos inundaram as seções de comentários nas redes sociais em 13 de outubro.

Minha entrevista com ele já estava agendada antes do acontecido, mas estava receoso se Dante ainda estaria disposto a gravar mais uma entrevista depois de toda essa recepção negativa. Em uma conversa pelo *WhatsApp*, obtive a confirmação de que a entrevista prosseguiria. Portanto, optei por incluir uma seção na entrevista na qual Dante abordou as repercussões da transfobia que surgiram em decorrência de sua cirurgia, que faz parte do processo transexualizador e era o foco principal deste documentário.

Decidi então documentar esses comentários transfóbicos, porém, o jornalista Hyldinho, que administra um perfil no Instagram com o mesmo nome e tem mais de 115 mil seguidores²⁷, sendo a maior página de *instagram* a publicar a matéria, havia arquivado a publicação. Conhecendo-o e tendo acesso ao seu contato, solicitei via *WhatsApp* que ele temporariamente desarquivasse a publicação, permitindo-me capturar os comentários. Eu acreditava que era de extrema importância que esse conteúdo fizesse parte do material do documentário para ilustrar como uma parte da sociedade reagiu diante de informações sobre o processo de transição de gênero.

Hyldinho teve receio a princípio, isso porque a liberação das publicações poderiam gerar novos comentários de ódio. Foi então que decidimos fazer isso num horário de baixo tráfego na rede social. Por volta das 23 horas do dia 20 de outubro, ele tornou a publicação pública por um breve período, tempo suficiente para eu capturar os comentários desejados, e em seguida, a publicação foi novamente arquivada.

Na etapa de produção, utilizei câmera profissional Canon T4i, celular, microfone lapela e tripé (Quadro 1) para gravar as entrevistas.

²⁶ *Release* é um material que é distribuído à imprensa ou aos canais de televisão por meio da assessoria de comunicação, contendo informações e dados específicos para divulgação de alguma coisa (filmes, livros, entrevistas), facilitando, por sua vez, o trabalho dos jornalistas. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/release/>>

²⁷ Perfil disponível em <<https://www.instagram.com/hyldinho02/>>

Quadro 1: Equipamentos utilizados na gravação

ATIVIDADE	EQUIPAMENTO
Gravação	Câmera Canon T4i Tripé Microfone lapela Lente Youngnu 50mm Lente Canon 40mn Lente Canon 18 - 55mm

Fonte: elaboração própria

Ao longo de todo o processo, pude contar com o apoio da equipe de assessoria do Hospital Clementino Fraga, representada por Lidiane Gonçalves, que apoiou entusiasticamente o projeto e facilitou as minhas entrevistas dentro das instalações hospitalares. Ao final do processo de produção foi elaborado um termo de autorização de imagem e som (**Apêndice B**) para a garantia da veiculação e utilização adequada do material audiovisual produzido.

4.3 Pós-Produção

O processo de pós-produção começou com a decupagem²⁸ do material de vídeo e áudio que estava sendo captado durante as gravações, o que resultou em um roteiro de edição (**Apêndice C**). Em quatro de outubro de 2023 comecei a assistir a todo o material e iniciei o processo de decupagem, que é um estágio crucial, pois envolve a transcrição do conteúdo, a organização e a seleção dos trechos que serão utilizados na montagem final do documentário. A decupagem foi realizada ao longo do processo de captação do documentário e isso foi fundamental para que eu pudesse encontrar lacunas a serem preenchidas e resolvê-las em tempo hábil.

No meu caso, optei por uma abordagem um pouco diferente do método tradicional. Em vez de fazer a transcrição e organização em etapas separadas, eu comecei a juntar todo o material de vídeo diretamente no *software* de edição de vídeos que utilizei, chamado DaVinci Resolve. A decisão de fazer a decupagem dentro do

²⁸ Processo de assistir todo o material gravado e marcar os melhores trechos e cenas, facilitando o trabalho de montagem e edição.

software de edição tinha o propósito de agilizar o processo e permitir uma visão mais ampla do material disponível.

Dentro do DaVinci Resolve, eu ia cortando os trechos de áudio e vídeo, trabalhando trecho por trecho. Simultaneamente, adicionava indicações de texto sobre o vídeo, trazendo uma breve sinopse (resumo) do que era falado em cada trecho de entrevista ou imagem de apoio. Essas indicações de texto serviam para me ajudar a entender o conteúdo de forma rápida e eficiente, auxiliando na seleção dos melhores trechos a serem utilizados na montagem final.

Esta abordagem permitiu que eu tivesse uma visão ampla do material e, me ajudou a economizar tempo, pois a montagem já estava sendo desenvolvida durante o processo de decupagem. Isso possibilitou uma maior eficiência na seleção dos trechos que melhor se encaixavam na narrativa do documentário.

Com o material decupado, organizado e com as indicações de texto, pude avançar para a fase de seleção e montagem. Neste estágio, escolhi cuidadosamente os trechos que melhor contribuíam para a narrativa do documentário. A organização por datas durante a decupagem também facilitou a identificação de marcos narrativos e a estruturação do produto.

A montagem foi realizada no mesmo *software* DaVinci Resolve, onde os trechos selecionados foram arranjados na ordem desejada, e foram adicionados efeitos visuais, transições e trilha sonora (músicas), que fazem parte do processo de finalização do material. A trilha sonora utilizada no documentário não possui direitos autorais e chama-se Fading by Myuu e está disponível no canal *Audio Library - Free Music*²⁹.

Ao todo, foram necessários 20 dias para a edição e finalização do documentário, no qual eu me encarreguei de exercer todas as funções, tanto no trato do áudio, vídeo, correção de cores, inserção de trilhas e edição de texto. Todo o material captado somou 1 hora e 45 minutos, entre entrevistas e imagens complementares, que ocupou 35 gigabytes de armazenamento. Ao final da edição, o documentário ficou com dezesseis minutos e vinte e sete segundos e está disponível pelo link: <https://youtu.be/Ai2GkMeDzJ0>.

²⁹ Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=I3ZEsHF0XyA&ab_channel=AudioLibrary-FreeMusic>

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os diversos desafios enfrentados para a execução deste trabalho, destaco a realização da produção e captação das imagens sozinho. Dentro do mercado e em diversos outros trabalhos nos quais já participei, sempre pude contar com pelo menos mais uma pessoa na equipe de execução. Experimentar as diversas funções, responsabilidades e preocupações certamente me deixou receoso. O medo principal era perder alguma imagem ou comprometer a captação de áudio, isso porque vários dos momentos retratados nesse documentário são únicos e não me deixariam margem para regravações ou mudanças de lente e ângulo da câmera.

Lidar com o aparato técnico e também exercer a função de jornalista, enquanto indivíduo condutor da narrativa, que faz os questionamentos e entrevistas foi uma grande oportunidade para exercitar o domínio dos multi processos envolvidos em produções jornalísticas audiovisuais, e que cada vez mais são exigidos no cenário profissional atual, que convive com a tecnologia e trabalha em rotina de convergência.

O documentário “Transvivência” é o resultado de uma produção cuidadosa, que explorou a trajetória de Dante na busca pelo seu sonho, que era a cirurgia de mastectomia masculinizadora, parte importante para o seu processo de transição de gênero, demonstrando a necessidade de acesso aos procedimentos pelo SUS, sendo o ambulatório um ator fundamental na saúde dessa população.

Dante, enquanto personagem principal do documentário, oferece uma visão autêntica e emocionante de sua jornada, destacando os aspectos físico e emocionais envolvidos. Além de trazer também as questões de aceitação e apoio familiar, realidade essa em que Dante vive de forma excepcional por contar com o apoio incondicional de sua família, algo que, infelizmente, não é a realidade para a maioria da população travesti e transexual.

É importante ressaltar também que o percurso retratado no documentário é apenas uma história entre outras 960 que são beneficiadas pelo ambulatório. Destaco ainda que cirurgia feita por Dante representa uma conquista significativa, uma vez que a mastectomia e histerectomia são as únicas cirurgias oferecidas pelo SUS na Paraíba dentro do processo transexualizador, disponível para os mais de 350 homens trans atendidos no ambulatório. No entanto, é crucial citar que a maioria dos usuários desse serviço ainda não possui perspectivas de acesso a cirurgias, isso porque ainda não são oferecidas cirurgias para as mulheres trans, revelando um cenário de desigualdade e

limitação no âmbito do Sistema Único de Saúde, que desafia a busca por uma saúde integral e inclusiva para a população trans.

Acredito que o objetivo geral deste produto jornalístico tenha sido alcançado, que era destacar a importância do processo transexualizador na vida das pessoas transgênero e demonstrar como o preconceito e transfobia afetam diretamente a oferta e ampliação desses serviços dentro da rede pública de saúde.

A abordagem do processo transexualizador dentro da mídia é de extrema importância para que ataques e desinformação não retrocedam anos de lutas e batalhas da comunidade trans e travesti, na Paraíba e no Brasil, assunto que pode desencadear outros trabalhos sobre análise midiática a respeito da abordagem na grande imprensa.

Ao realizar este trabalho, tive o privilégio de dialogar e me conectar com inúmeras pessoas que carregam histórias incríveis e sonhos realizáveis. Nesse sentido, espero que essa abordagem seja expandida em outros produtos jornalísticos para incluir também a realidade das mulheres trans. Apesar de constituírem a maioria dos atendimentos no SUS, muitas delas ainda não vislumbram avanços significativos em direção à oferta de procedimentos essenciais, como as cirurgias de redução de danos, onde é feita a retirada de silicone industrial, que é aplicado de forma irregular e única alternativa para aquelas que não possuem condições financeiras para uma cirurgia segura, e que pode oferecer risco de vida a quem possui.

Pretendo continuar pesquisando sobre o tema e dar continuidade também à produção de documentários e reportagens a respeito. Aprendi muito. Mesmo com pouco equipamento e apenas muita vontade e conhecimento é possível produzir conteúdo relevante e que desperta discussões.

Essas experiências demonstram que há um longo caminho a percorrer na busca por igualdade e inclusão no sistema de saúde das pessoas trans e é fundamental dar visibilidade a essas questões para promover mudanças efetivas.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BRASIL. Resolução nº 1.652/2002. Dispõe sobre a cirurgia de transgenitalismo. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF: Conselho Federal de Medicina, p. 80-81, dez. 2002.

BRASIL. Portaria n. 1.707/GM, de 18 de agosto de 2008. **Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), o Processo Transexualizador, a ser implantado nas unidades federadas, respeitadas as competências das três esferas de gestão**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2008. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt1707_18_08_2008.html. Acesso em: 20 out. 2023.

BRASIL. Portaria n.º 1.820, de 13 de agosto de 2009. **Dispõe sobre os direitos e deveres dos usuários da saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt1707_18_08_2008.html. Acesso em: 26 mar. 2023

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.803/GM, de 19 de novembro de 2013. **Redefine e amplia o Processo Transexualizador no Sistema Único de Saúde (SUS)**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html. Acesso em: 26 mar. 2023.

CAMPOS, Lucas. **Elxs não cabem mais no armário**: uma grande reportagem televisiva sobre LGBTs e relação familiar. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

DE MELO, Cristina Teixeira Vieira. O documentário como gênero audiovisual. **Comunicação & Informação**, v. 5, n. 1/2, p. 25-40, 2002.

FALCÃO, Jadson. **Elxs querem apenas trabalhar**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos Brasília: Autor, 2012. Disponível em: <https://sertao.ufg.br/n/42117-orientacoes-sobre-identidade-de-genero-conceitos-e-termos> . Acesso em: 12 abr. 2023.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

PODESTÁ, L. L. de. Ensaio sobre o conceito de transfobia. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 11, p. 363–380, 2019. DOI: 10.9771/peri.v1i11.27873. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/27873>. Acesso em: 24 out. 2023.

ROCON, Pablo Cardozo; et al. Desafios enfrentados por pessoas trans para acessar o processo transexualizador do Sistema Único de Saúde. **Interface** (Botucatu), v. 23, e180633, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.180633>. Acesso em: 25 abr. 2023.

ROCON, Pablo Cardozo.; DA SILVA, Adriana Ilha; SODRÉ, Francis. Diversidade de gênero e Sistema Único de Saúde: uma problematização sobre o processo transexualizador. **SER Social**, [S. l.], v. 20, n. 43, p. 432–448, 2018. DOI: 10.26512/ser_social.v20i43.18870.

Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/18870. Acesso em: 20 out. 2023.

SPINELLI, E. M. Jornalismo audiovisual: gêneros e formatos na televisão e Internet. **Revista Alterjor**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 1-15, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88269>. Acesso em: 24 out. 2023.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

VIZEU, A. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 16, n. 40, p. 77-83, 2009. DOI: 10.15448/1980-3729.2009.40.6321. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6321>. Acesso em: 20 out. 2023.

ZETTL, Herbert. **Manual de produção de televisão**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

APÊNDICE A

Pauta:	Vivência Trans
Produtor: Thiago Félix	
Repórter: Thiago Félix	
Proposta:	<p>Vamos explorar e destacar a importância do processo transexualizador na vida das pessoas transgênero, especialmente através das experiências e perspectivas de Dante, um homem trans que passou pelo procedimento de mastectomia masculinizadora. Além disso, o documentário pretende examinar o papel fundamental desempenhado pelo Ambulatório de Saúde Integral de Travestis e Transexuais da Paraíba, assim como os profissionais de saúde que o compõem, incluindo mastologistas, psiquiatras, psicólogos e endocrinologistas.</p> <p>Vamos abordar a incidência da transfobia nos usuários que passam pelo processo de transição de gênero.</p>
<p>Entrevistado 1: Dante Costa, estudante</p> <p>>> Joaquim Dante Passos da Costa é estudante de Ciências Contábeis, tem 35 anos e há 6 anos é assistido pelo ambulatório TT dentro do processo transexualizador. Ele foi um dos primeiros a fazer a cirurgia de mastectomia masculinizadora, que consiste na retirada das mamas, neste ano de 2023. O procedimento é a realização de um sonho.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Pode compartilhar conosco os sentimentos e pensamentos que o levaram a decidir pela mastectomia masculinizadora e como essa cirurgia impactou sua vida? 2. Qual a importância do apoio da família e amigos durante sua transição. Como eles reagiram à sua identidade de gênero e à decisão de passar pela cirurgia? 3. Pode nos contar mais sobre a sua experiência ao longo desses seis anos de acompanhamento no ambulatório TT? Quais foram os principais desafios e conquistas que enfrentou durante esse período? 4. Você já sofreu algum episódio de transfobia? 5. Como você descobriu o ambulatório? Iniciou a transição antes de ir ao ambulatório?
<p>Entrevistado 2: Rosa Cristina, mãe de Dante</p> <p>>> Rosa acompanha e apoia Dante em todas as idas do filho ao ambulatório, ela</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como você reagiu quando Dante compartilhou com você que era um homem trans e desejava passar pelo processo de transição de gênero? 2. A senhora tem acompanhado Dante durante esses últimos dias antes e depois da cirurgia,

<p>espera que a cirurgia traga a felicidade e conforto que Dante tanto sonha.</p>	<p>como estava a expectativa e como está a recuperação?</p> <ol style="list-style-type: none"> 3. Para a senhora como mãe, o que representa a conquista de Dante? 4. A senhora fica mais tranquila com a cirurgia?
<p>Entrevistado 3: Gilberto Teodozio, diretor do Hospital Clementino Fraga</p> <p>>> Assumi a diretoria do hospital em fevereiro de 2023 e tem como uma de suas promessas instalar um bloco cirurgico junto ao ambulatório TT para a ampliação de cirurgias para a população trans e travesti.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. A gente sabe que a população enfrenta diversos desafios no acesso à saúde. Quais são as principais barreiras que o senhor vê hoje que precisam ser superadas no atendimento a essa população? 2.
<p>Entrevistado 4: Maurília Guimarães, psicóloga</p> <p>>> Maurília é psicóloga clínica e hospitalar há 6 anos. Faz 8 meses que ela integra a equipe do ambulatório TT e atende 7 pacientes sempre nas terças-feiras.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Qual é o papel fundamental de um psicólogo no processo de transição de gênero? Como você ajuda os pacientes a lidar com os desafios emocionais e psicológicos que podem surgir durante essa jornada? 2. O que é necessário para que o usuário inicie, de fato, no processo transexualizador, existe algum tempo mínimo de acompanhamento? 3. Os usuário que chegam ao ambulatório já vem com o processo iniciado por conta própria?
<p>Entrevistado 5: Sérgio Araújo, coordenador do Ambulatório TT</p> <p>>> Sérgio é gerente do ambulatório TT desde sua inauguração, em 24 de julho de 2013.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como surgiu o ambulatório e quantos usuários são atendidos mensalmente? 2. Qual a importância do ambulatório hoje, se tratando de saúde pública dentro do estado da Paraíba? 3. Viemos de um governo no qual a população trans foi muito atacada, e também o processo transexualizador oferecido pelo sus. Qual seria um cenário hoje sem o aparato de atendimento como esse que existe no Hospital Clementino Fraga? 4. Temos cirurgias de histerectomia e mastectomia estão sendo realizadas, mais quais são os planos para o futuro? 5. Como esses usuários chegam ao ambulatório? Quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelos usuário no acesso ao serviço?

	<ol style="list-style-type: none">6. Como o ambulatório lida com as famílias dos usuários?7. Qual o peso dos pais na permanência desses usuários dentro do processo transexualizador?
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

APÊNDICE B



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, Joaquim Dante Passos da Costa, nacionalidade brasileiro, estado civil solteiro, portador da Cédula de identidade RG nº. [REDACTED] SSP-PB, inscrito no CPF/MF nº [REDACTED] sob, residente à Av./Rua [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED], n.º. [REDACTED], município de João Pessoa/Paraíba. **AUTORIZO** o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada no **documentário**, intitulado "**Transvivência**" e também nas peças de comunicação que serão veiculadas nas redes sociais e locais de exibição. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

João Pessoa, dia 24 de Outubro de 2023.

Documento assinado digitalmente
gov.br JOAQUIM DANTE PASSOS DA COSTA
Data: 24/10/2023 18:15:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

(Assinatura)

Nome: Joaquim Dante Passos da Costa
Telefone p/ contato: [REDACTED]

APÊNDICE C
ROTEIRO DE EDIÇÃO

CENA	TRILHA	ÁUDIO
Fade in: Imagem do céu ao amanhecer + Imagem da fachada da Maternidade Frei Damião	Som ambiente	Sonora Dante em off. – Conseguiu dormir hoje? “Uma hora eu acho, mais ou menos. faz uns quatro a cinco dias que não durmo direito”
Chegada de Dante ao Hospital	Som ambiente - carros	Continua sonora Dante em off: “ Na verdade eu estou acreditando agora que eu cheguei aqui, você acredita? Porque até ontem eu estava achando: Será que vai dar alguma coisa errada? Que vai acontecer alguma coisa nesse meio de caminho? Mas, é a felicidade maior do mundo!”
Dante e rosa entrando no hospital	Sobe som - trilha Fading by Myuu	–
Dante e Rosa sentados aguardando na recepção - três takes de diferentes ângulos.	Mantém trilha	Sonora de rosa em off: “Ele está muito ansioso. É o sonho dele, né? É poder andar livre, sem ninguém o censurar. Porque você sabe que o preconceito é triste, até da própria família. Mas agora ele vai se sentir uma pessoa realizada, né?”
Dante em frente ao espelho + lentidão de 50% na velocidade do vídeo	Mantém trilha	Continua sonora de rosa em off: “Vai se reconhecer diante do espelho. Porque antes ele não tinha esse prazer de se olhar e dizer, eu sou Dante”.
Imagens ondas da praia de Cabo Branco revelando o nome do documentário: “TRANSVIVÊNCIA”	Sobre volume da trilha	—

Mantém a imagem da praia. Texto em tela do ato 1: O SONHO	Mantém trilha	—
Fade escuro	Diminui volume trilha	—
Sonora + crédito > ROSA CRISTINA, mãe de Dante	Mantém trilha	“Olha, meu filho, uma mãe, vê o filho feliz, a mãe é realizada. Existe uma frase célebre que diz o seguinte: a quem meu filho beija, minha boca adoça. Porque tudo que acontece de bom na vida do filho, a mãe tá feliz, né? Eu tô assim, radiante. Eu acho que não sei se eu tô mais feliz do que ele, mas eu tô radiante!”
Entra imagem de apoio: Rosa e Dante de mãos dadas na recepção, momentos antes da cirurgia.	Mantém trilha	Continua sonora: “Desde que o Ambulatório começou a organizar os meninos pra fazer a cirurgia, pra fazer da melhor maneira possível, que começou os primeiros, ele tá esperando. E pra ele vai ser uma virada chave mesmo, uma mudança total”.
Sonora + crédito > DANTE COSTA, estudante	Mantém trilha	“Eu espero que as cirurgias dêem continuidade, que o Ambulatório continue conseguindo fazer com que a gente consiga manter a frequência das cirurgias. Que pra mim, assim, que eu consiga voltar a respirar tranquilamente como eu respirava antes. Que eu consiga vestir as roupas que eu quero vestir, sem nenhum incômodo. E as pessoas chegando perto de mim, eu encostando, me abraçando, e eu tendo que explicar toda a situação do processo da transição.
Imagens sobrepostas: Take 1: caminhando em direção à praia - trecho que a praia está distante. A ideia aqui é que as imagens de praia se aproximem do mar à medida que Dante realiza o sonho. Um artifício de subjetividade que trata da	Mantém trilha	Continua sonora: “Poder ir numa praia tranquilamente. Acho que a maior expectativa de todos os meninos trans, que depois que fazem a cirurgia, é poder ir pra praia, né? Eu vou dar um exemplo, assim, besta. A farda do meu trabalho é branca.

<p>cirurgia e da ida à praia liberto das mamas.</p> <p>Take 2: Dante em seu guarda roupas mostrando as camisas que usa no trabalho.</p>		<p>E aí a faixa apresenta, fica aparecendo um pouco, né? E aí eu tenho que usar uma outra farda, que é amarela, por exemplo, pra pra um dedo não aparecer tanta faixa. E poder, por exemplo, aqui é um mês, aqui é um mês e pouco meu trabalho. Com a farda do trabalho mesmo, assim, poder se estar me preocupando, e ninguém está olhando, ninguém está perguntando, ou, por acaso, sobre algum tipo de preconceito, já significa muito.”</p>
<p>Sonora Rosa + imagem complementar.</p> <p>Adicionar imagem desfocada de Dante caminhando, leve diminuição da velocidade da imagem.</p>	<p>Enterra trilha ao fim da sonora</p>	<p>– E o que que você espera partir de agora?</p> <p>“Que ele fique feliz. Que ele fique muito feliz, que ele possa trabalhar, terminar a faculdade dele e viver bem. Porque muitas vezes as pessoas, quando chegam perto, percebem que tem alguma coisa estranha, fica questionando. E assim ele vai poder andar livre, sem problema nenhum. Isso é muito bom!”</p>
<p>Efeito fade + Imagem da fachada do ambulatório, dois takes de ângulos diferentes.</p> <p>Texto em tela do ato 2: O PROCESSO</p> <p>Sonora + crédito</p> <p>> SÉRGIO ARAÚJO, gerente do Ambulatório TT</p>	<p>Sobre som áudio ambiente - trânsito.</p> <p>(esse sobe som tem o objetivo de trazer a sensação de deslocamento de um local a outro)</p>	<p>Sonora de Sérgio Araújo inicia em off.</p> <p>“A porta de entrada da gente é a Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana. Uma vez passada por lá, vem pra aqui, pro Clementino Fraga, onde tem todo esse acompanhamento. E agora, mais do que nunca, a gente está ofertando as cirurgias, né? Que é um sonho. Se você perguntar desses 960 usuários que eu tenho, tanto mulher trans como homem trans, qual o seu maior desejo? Cirurgia! Cirurgia de quê? Mamoplastia, que é a mastectomia falada, retirada da mama. Que eles não se vêem, tu imagina um homem de barba, tudo ok, os</p>

		<p>hormônios em dia e não pode tirar uma camisa pra tomar um banho de mar. Do mesmo jeito, as mulheres trans.</p> <p>Primeiro bonito, cabelo ao vento, mas o gogó, ou pomo de adão. Então a gente também, em breve, vamos ofertar a cirurgia de tireoplastia”.</p>
<p>Sonora + crédito</p> <p>> MAURÍLIA GUIMARÃES, psicóloga</p>	—	<p>“Alguns usuários vêm já sabendo, geralmente eles já vêm sabendo do processo.</p> <p>O que querem é, porque o processo transexualizador, ele começa bem antes de chegar aqui, né?</p> <p>A pessoa já vem com uma decisão, então eles já vêm passando por esse processo.</p> <p>Então quando vem pra mim, quando chega aqui, ele já chega tipo já em processo.</p> <p>Eu digo que vem pra fazer hormonização, né?</p> <p>E pra fazer as cirurgias que fazem parte desse processo transexualizador.</p> <p>Eles precisam estar mais ou menos dois anos, né?</p> <p>Então em terapia, em acompanhamento, pelo ambulatório.</p> <p>Quando eu recebo os pacientes, aí eu posso falar da minha conduta enquanto psicóloga, dentro desse processo. Eu recebo uma pessoa com todas as suas demandas, um sujeito.</p> <p>Com demandas psicossociais, espirituais, né?</p> <p>Em sua totalidade. Então assim, eu trabalho muito a questão da dor paciente do sujeito, claro que dando ênfase ao processo transexualizador que também faz parte desse sujeito nesse momento.”</p>
<p>Imagens mostrando a recepção do ambulatório.</p> <p>Imagens mostrando a família de Dante aguardando que</p>	<p>Som ambiente + início da sonora em off</p>	—

ele seja atendido.		
<p>>> Imagens de dante dentro do consultório.</p> <p>>> Imagem da sonora</p> <p>>> Imagens sobrepostas de Dante se levantando da maca.</p> <p>>> Imagens caminhando sob a areia da praia, trecho que está mais próximo do mar.</p> <p>>> Retorna imagem da sonora</p> <p>>> Imagens de dante vestindo a camisa de botão no consultório.</p>	—	<p>Sonora Dante 2 - inicia em off:</p> <p>“Hoje eu vim fazer a troca dos curativos. E vim ter um atendimento com uma fisioterapeuta para ajudar na vascularização do mamilo, do bico do peito, pra que eu consiga, que eu consiga fixar melhor, né? Que ele venha cair futuramente. Aí a gente trocou os curativos todos, aí a gente fez um procedimento com ela. Aqui em cima você vai perceber que tem essa faixa de kinésio, né? Que é pra ajudar nessa parte da drenagem, da linfática, da cirurgia. E observar também como estão os drenos, se tá tudo tranquilo e, graças a Deus, tá tudo certo.”</p> <p>>>> Minha pergunta: E eles te falaram que chegou a perguntar quanto tempo você vai poder ir para a praia?</p> <p>Retorna sonora em off:</p> <p>“Assim, a gente não perguntei muito ainda sobre isso, porque tô tentando não ficar tão ansioso, sabe? Porque senão fica essa perspectiva na cabeça. Mas aí eu creio que pra pegar só o mês, acho que dá por dois, três meses mais ou menos. E ainda assim tem que ser cobrido pra... a cicatriz não ficar escura, né? Tem que cobrir um pouquinho mais, até de pesquisa que a gente faz antes.</p> <p>Mas quando falei só de poder usar a camisa de botão, eu trabalho em escritório, né? Eu faço contabilidade, trabalho em escritório. E poder usar uma camisa branca, de você botar uma camisa de botão e ficar à vontade pra mim já é perfeito, perfeito.”</p>
>> Imagens de Dante	—	Inicia sonora em off:

<p>mostrando o que é um binder.</p> <p>>> Entrar arte grafismo explicando o que é binder.</p> <p>>> Imagem da sonora</p> <p>>> Imagens de dante sorrindo com leve diminuição da velocidade</p>		<p>“Olha, Dante, no começo, quando ele começou a usar aquele binder, ele acha aquele binder um terror, porque ele não conseguia respirar. E hoje ele tá respirando sem ele. Hoje a avaliação que eu faço é que ele tá de uma felicidade imensa. E meu filho estando feliz, eu estou feliz também. Porque você sabe que a dificuldade é muito grande para uma pessoa trans. E ele andar sem andar com aceitar com aquele binder, sem ninguém estar vendo, nem perguntando o que se trata, vai ser pra ele uma felicidade imensa. Eu diria que é um renascer, é um renascer para ele.</p>
<p>>> Sonora Maurilia 2</p> <p>>> Entrar arte grafismo explicando o que é disforia.</p>	<p>—</p>	<p>“Muitas vezes eles vêm e aí eles dizem, nossa, eu precisava disso. Na verdade, esse é um ambiente de fala, de externalizar. E aí eles vêm com todas as demandas. E tem questões de preconceito, muitas questões deles mesmos, tipo, vou entrar nesse processo, como é que vai ser? E aí vem as perguntas de mudança corporal, vem muita questão da disforia. Então eles vêm muito com a disforia. O desejo, a ansiedade pela cirurgia pra iniciar esse processo. Mas é um processo lindo.”</p>
<p>>> Sonora Sérgio 2</p> <p>– Destaque de texto na tela: 960 USUÁRIOS 350 HOMENS TRANS</p> <p>>> Imagens da família de Dante no ambulatório.</p>		<p>“Hoje, 10 anos, temos 960 usuários no total. Desse total, a gente tem 350 homens trans, e o restante é travesti, mulheres trans e não binários, que também está chegando pra nós, pessoas não binárias.</p> <p>A gente procura trazer o máximo da família pra gente, pra gente conversar, que a família também precisa do apoio. Porque quando a pessoa começa a fazer a mudança, a transição, muitas vezes a mãe diz, ai, eu tinha minha filha fulana, hoje é fulano.</p> <p>E a gente quer dividir com ela essa alegria, esse sofrimento, essa dor,</p>

		essa alegria, que ela também vem partilhar com a gente.”
<p>>> Sonora Dante 3:</p> <p>>> Imagens de dante e a família saindo do ambulatório.</p>	—	<p>“A família é incrível, não tem muito o que falar de menos do que isso, não. Eu nem sei se eu daria com a estrutura da cabeça que eu estou tendo agora, com a consciência, com tudo.</p> <p>Se não fosse pelo apoio delas, se não fosse pela companhia delas, pela ajuda, somos nós três, né? A família, essa tríade de nós três aqui, é perfeita, porque se não fosse pelo suporte delas, eu nem sei se eu estaria aqui ainda, né? Porque passa por muito altos e baixos nessa fase de transição, né? E agora chegou a realização minha e delas também, sabe?”</p>
<p>>> Sonora Rosa 3:</p> <p>>> Imagem de dante enquanto ela fala “Ganhei um filho”</p>		<p>“Eu disse a ele, olha, pra mim, você é meu filho, não muda nada, e continua do mesmo jeito. A minha preocupação é a visão do povo lá fora, de como tratar, porque a gente vê que os meninos como sofrem lá fora, né? A gente já via isso, a quase 20 anos atrás, e hoje parece que ao invés de melhorar, vai piorando. Aí, passado o tempo, quando foi a uns 6, 7 anos atrás, ele disse que não se reconhecia com Yasmini, que não estava se sentindo bem com aquele corpo, que ele era um homem trans. Aí eu disse a ele, Dante, eu vou repetir o que ele disse, quando você me disse a primeira vez que era homossexual. Pra mim, você vai ser sempre meu filho, não vai mudar nada. Vai ser sempre aquela pessoa que eu gerei e tive. A minha preocupação é lá fora. Então, isso pra mim não mudou nada. Tanto fazia ele estar antes, somente homossexual, como homem trans. Pra mim não mudou nada. Eu ganhei um filho, né? Eu ganhei um filho.”</p>
<p>Texto em tela do ato 3: OS DESAFIOS</p>	Sobe som, trilha	—

<p>Sonora Gilberto Teodósio 1 + crédito</p> <p>>> GILBERTO TEODÓZIO, diretor do Hospital Clementino Fraga</p>	<p>—</p>	<p>“A clientela transsexuais e travestis enfrentam uma luta com aproximadamente 10 anos desse ambulatório. Não é tão novo, né? Você já tem uma década de vida cuidando dessas pessoas, mas ainda hoje nós enfrentamos algumas dificuldades que estamos diariamente e constantemente tentando vencê-la. A questão das cirurgias, principalmente, não só as transsexualizadoras, mas também aquelas cirurgias para redução de danos. Muitos não usaram o silicone de boa qualidade e hoje esse silicone já faz mal à saúde dessas pessoas. Então, nós precisamos efetivamente trazer pra junto e implementar ações para que a gente possa minimizar e reduzir os danos dessas pessoas.”</p>
<p>Sonora Sérgio Araújo</p>		<p>“Então, a gente vai caminhando. É lento o processo, é lento. Mas hoje a gente já tem uma equipe de fisioterapia pra fazer adenagem linfática, pós-cirúrgica, que é realizada aqui no Clementino, que deixa bem claro. Nós temos um ambulatório completo, tanto a parte ambulatorial como a parte de fisioterapia, tudo realizado aqui.”</p>
<p>Sonora Dante</p> <p>> Inicia com imagens de Dante em sua casa</p>		<p>> É uma rotina exaustiva?</p> <p>“Não é só exaustiva, mas também muito gratificante você poder ter esse apoio no ambulatório. Todo mundo que a gente tem mesmo não tem condição financeira. Ele está pagando particular um psicólogo, que é uma coisa que todo mundo deveria ter. Eu me encontro com o psiquiatra. Não dá. No mínimo 250 reais. Se você faz um acompanhamento duas vezes por mês, por exemplo, saiu. Você foge totalmente do meu orçamento. Mas ainda assim é muito bom ter o acompanhamento do ambulatório e ter esse apoio mesmo das pessoas.”</p>

Sonora Rosa		<p>“Ele vai poder vestir a roupinha dele, as pessoas quando tocarem nele. Não vai se enfiar aquele binder. Porque isso aí até fica tudo assim, né? Aí ele já vai ficar mais à vontade. Isso foi um grande ganho.”</p>
Sonora Gilberto Teodósio 2		<p>“E nós já desenhamos um projeto para implantação de um centro cirúrgico aqui, acredito que trazendo um centro cirúrgico para o hospital Clementino Fraga, nós vamos conseguir operar esses pacientes aqui.</p> <p>Nós vamos conseguir estar fazendo intervenção cirúrgica para redução, para cirurgia transexualizadora. Para toda essa assistência integral, mas dentro do próprio hospital Clementino Fraga.”</p>
<p>Aviso em tela:</p> <p>“Durante as gravações deste documentário, Dante foi vítima de transfobia”</p> <p>>> Entra comentários surgindo em tela</p>		<p>Foi bem triste. A gente fica tentando fazer com que as coisas não se abalem a gente. Mas aí, quando você vai lendo as coisas, você vai ficando um pouco desestruturado. O pessoal veio me ameaçar, veio dizer que bater em mim, veio dizer que eu estava roubando vaga de cirurgia de não sei quem. Que tinha uma parente que perdeu uma perna, que não sei o quê. Como se o médico que fez essa cirurgia na gente fosse um ortopedista, por exemplo, que não tem nada a ver. Como se a gente não pagasse imposto do mesmo jeito, como se não tivesse direito de acesso à saúde pública do SUS, como todas as pessoas.</p> <p>Quando você vê um homem fazendo uma cirurgia de mastectomia, de ginecomastia. Você vê uma mulher fazendo redução de mama. Ninguém fica ameaçando ninguém por causa disso, entende? E aí as pessoas ficam dizendo que não, mas eu</p>

<p>>> Imagem alusiva a Dante chegando ao mar. Aqui simboliza que ele conseguiu realizar seu sonho.</p> <p>Créditos:</p> <p>Edição e Montagem THIAGO FÉLIX</p> <p>Orientação FABIANA SIQUEIRA</p> <p>Imagens THIAGO FÉLIX</p> <p>Produção THIAGO FÉLIX</p>	<p>Sobe som</p>	<p>—</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------	----------



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
BIBLIOTECA SETORIAL

Termo de Autorização para Publicação/Divulgação de Documento Eletrônico

1. Identificação do trabalho / autor/a

Título: Documentário jornalístico: Transvivência

Autor/a: Thiago Rodrigues Silva Felix, CPF: 112.389.134-66, Telefone: 83 98610-1541, email: thiagorsfelix@gmail.com.

Orientador/a: Fabiana Cardoso de Siqueira

2. Identificação do material

bibliográfico Mídia: DVD Formato:
PDF

Total de páginas: 51.

Data da aprovação: 07/11/2023.

Data da entrega da cópia eletrônica à Biblioteca Setorial do CCTA: / / .

3. Declaração da/o autor/a:

Na qualidade de titular dos direitos de autoria da publicação supracitada, com anuência do orientador, de acordo com a Lei nº 9610/98, autorizo à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a disponibilizá-la gratuitamente em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica da Instituição, a partir desta data.

João Pessoa, 17 de novembro de 2023

João Pessoa, 17 de novembro de 2023


Assinatura do autor/a


Assinatura do orientador/a